

“COMO EU VI O BRASIL”: A MULHER E A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE EMÍLIA DE SOUSA COSTA

Maria João Mogarro

UI&DCE – Universidade de Lisboa
mariamogarro@gmail.com

Vera Dias

FPCE – Universidade de Lisboa
veraabalrado@hotmail.com

Palavras-chave: educação feminina; género; educação comparada.

1. Emília de Sousa Costa e o seu tempo: entre a esfera privada e a afirmação pública

“A minha intensa simpatia, a minha enternecida devoção pelo Brazil não tolhem ao meu espirito, orgulhoso sempre da sua independencia, o direito racional e legitimo da critica imparcial.” (COSTA, 1925, p. 38)

Emília de Sousa Costa (1877- 1959) foi uma escritora e educadora que ocupou um lugar singular na sociedade da época. Autora de livros educativos para mulheres, demarca-se dos radicalismos então em voga e defende uma concepção de educação feminina que incorpora a educação doméstica, a formação profissional, um conceito de civilidade próprio do género e a defesa da mulher como pilar da família, da sociedade e da pátria. A sua obra é prescritiva e de teor moralizante, mas defende o progresso e a modernidade, atribuindo à mulher um papel fundamental na construção do futuro.

Mulher do seu tempo, participou activamente dos movimentos sociais de cariz feminista, embora se definisse como uma moderada. Os movimentos feministas afirmaram-se de forma decisiva nas primeiras décadas do século XX, em Portugal como em muitos outros países. As mulheres feministas expressaram-se através das suas associações, nas obras de que foram autoras e nos artigos que assinaram na imprensa, tendo como eixos temáticos de referência a condição feminina, os direitos e deveres das mulheres, a luta pela dignificação da sua existência, os cuidados com as crianças e o papel da mulher na sua educação. Principalmente, adquiriram visibilidade com a sua

luta pelo direito ao voto. A liberdade de expressão e de associação que o regime republicano (1910-1926) garantiu, foi um campo fértil para esta corrente, que visava a igualdade entre os géneros e a implementação de políticas sociais em defesa da mulher.

Os nomes mais marcantes deste movimento conferiram-lhe uma intencionalidade claramente feminina, trazendo para a esfera pública os sonhos e aspirações das mulheres. No entanto, este universo feminino não era homogéneo. Ele foi formado maioritariamente por mulheres oriundas das classes mais abastadas e com uma sólida educação. Contudo, as autoras apresentaram diferentes perspectivas nas suas obras e as categorias, temas e valores com que construíram os seus discursos revelam formas próprias e diferenciadas de entender os papéis sociais femininos. Neste contexto, Emília de Sousa Costa é uma voz com características singulares, que alia tradição e modernidade.

O catálogo nacional¹ das suas obras apresenta mais de uma centena de títulos que, além de livros para crianças, inclui algumas novelas, contos e romances, marcados por questões de carácter social, impressões de viagem, palestras, conferências e obras sobre economia doméstica e educação feminina.

A criança ocupa um espaço muito importante na sua produção. Foi autora de inúmeros livros infantis e dirigiu colecções como a «Biblioteca Infantil» (1918) e a «Biblioteca dos Pequenininos» (iniciada em 1927). Foi tradutora de contos dos irmãos Grimm e de Carlo Collodi, tendo traduzido as Aventuras de Polichinelo; aliás, escreveu depois as aventuras do Polichinelo em Lisboa, Minho e Trás-os-Montes. Trabalhou com vários ilustradores e considerava a ilustração como parte fundamental dos textos infantis, para prender a atenção das crianças e contribuir para uma educação estética.

Emília de Sousa Costa publicou cerca de uma dezena de títulos sobre educação feminina, em que estabelece um verdadeiro código de conduta para a mulher do seu tempo, destacando-se: a posição entre os novos papéis sociais e o lugar tradicional da mulher (*A mulher. Educação infantil*, 1923; *Ideias antigas de mulher moderna*, 1923; *A mulher educadora*, 1945); os conselhos de economia doméstica (*A mulher no lar*, 1916 – 4 edições; *Economia doméstica*, 1918); as questões de urbanidade, etiqueta e boas maneiras (*Na sociedade e na família*, 4 edições). Globalmente, esta autora defendeu o tradicional papel da mulher na família e para com os filhos, mas lutou pela dignificação da sua condição, defendendo a igualdade com o homem (excepto na participação política!) e a grande importância da educação para as jovens, como processo de formação e desenvolvimento e como forma de elas poderem desempenhar também uma

profissão adequada, caso ficassem sem família e se tornassem responsáveis pela educação e manutenção dos seus filhos.

Muito ligada ao ensino, traduziu livros de carácter pedagógico (*Aos professores e às professoras*, 1914, de Jules Payot) e a sua obra *Moral prática elementar* (1916, 1925) foi aprovada oficialmente para uso das escolas primárias, tendo sido mandada adoptar em 1917. É também no sentido moralista e prescritivo que se deve entender as *Memórias da Lili* (1916), apesar de se enquadrar no formato de literatura infantil. Os livros sobre educação feminina integraram as bibliotecas pedagógicas, contribuindo, para a formação das futuras professoras.

Algumas das suas obras foram traduzidas para espanhol e italiano, e vários títulos foram reeditados sucessivas vezes.

A influência de Emília de Sousa Costa na sociedade do seu tempo traduziu-se ainda numa colaboração intensa em muitos jornais e revistas e nas conferências² que realizou em Lisboa, Porto, Madrid e Rio de Janeiro. Em 1923 deslocou-se ao Brasil com o marido, que ia fazer várias palestras, e ela própria proferiu duas conferências no Rio de Janeiro: uma sobre *A Mulher* e a outra sobre *Educação Infantil*. Estas conferências foram publicadas, num volume único e no mesmo ano, pela editora de Álvaro Pinto (Rio de Janeiro)³. O seu contacto com o Brasil levou-a escrever mais tarde crónicas de viagem, designadamente *Como eu Vi o Brasil* (1925), onde relata a estadia neste país em 1923, e *Cartas a uma Brasileira* (1927). O primeiro livro é particularmente interessante, pois ultrapassa o mero registo memorialístico e apresenta uma visão própria da realidade brasileira, que compara com a portuguesa.

2. Emília de Sousa Costa na imprensa carioca

Em *Como eu Vi o Brasil*, Emília de Sousa Costa realça a empatia que logo se estabeleceu entre ela, o marido e a imprensa do Rio de Janeiro e as consequências desta relação na sua aceitação social, pois a visita foi amplamente noticiada e divulgada, tendo assinalável impacto na comunicação social.

“Numa cativante amabilidade que logo nos deixa entrever a galharda hospitalidade brasileira, os repórteres dos principais jornais nos procuram gentis e buscam as nossas impressões, ainda antes do

desembarque, feito sem entraves aduaneiros, à simples apresentação do passaporte diplomático.” (COSTA, 1925, p. 33)

“ Quando chega o instante do pagamento, comunicam-nos que alguns dos circunstantes se haviam antecipado, não nos permitindo sequer a gratificação aos empregados. Haviam-nos reconhecido pelas fotografias publicadas nos jornais e nas revistas!” (COSTA, 1925, p. 52)

As duas conferências de Emília de Sousa Costa realizaram-se no Instituto Nacional de Música, no Rio de Janeiro, respectivamente em 28 de Junho e 4 de Julho de 1923. A imprensa carioca fez eco destes acontecimentos, valorizando o perfil da conferencista e a sua obra e sublinhando a aceitação e o reconhecimento que a escritora tinha em terras brasileiras, onde os seus livros circulavam entre os meios esclarecidos da sociedade (STEPHANOU, 2006).

O periódico *Correio da Manhã* noticiou este evento, no próprio dia, valorizando o programa e criando expectativas sobre a qualidade da conferência, dado o peso cultural e literário da apresentadora e da própria conferencista.

“A conferência que d. Emília de Souza Costa, a autora de “Memorias da Lili”, da “Economia Doméstica”, e de tantas outras obras, realiza hoje, no salão do Instituto de Música, está despertando o maior entusiasmo no nosso meio culto.

Apresentada pela romancista Júlia Lopes de Almeida, a conferencista lusitana vae revelar-nos mais um aspecto do seu espírito elegante, consagrado por tudo quanto em Portugal e no Brasil conhece e aplaude os seus livros infantis, os seus livros educativos, cheios de saúde moral, de optimismo, patriótico e de lições práticas.

O nosso público, que se reunirá hoje às 8 e meia da noite – hora em que começará a conferência – no salão do Instituto, prestará por certo à distinta senhora a justiça a que pela sua obra, tem incontestável direito.” (*Correio da Manhã*, 28 de Junho de 1923, p.3)

Após o acontecimento, o mesmo jornal descreve de forma circunstanciada o evento, realçando a apresentação efectuada pela escritora Júlia Lopes de Almeida e a sintonia de ideias que entre ambas as escritoras existia. Emília de Sousa Costa aproveita

para homenagear a mulher brasileira e as suas virtudes e originalidade, que filia no próprio contributo da mulher portuguesa. À figura da mulher associa a representação da nação brasileira e a homenagem à mulher é a homenagem à nação que a acolhe.

“Como anunciamos, realizou-se ante-ontem no salão de concertos do Instituto Nacional de Música, a conferencia da distinta escriptora portugueza sra. Emília de Souza Costa, sobre o momentoso thema “A mulher”.

Apresentada à numerosa assistência pela escriptora Júlia Lopes de Almeida, que falam das letras portuguesas e dos princípios de ideias por ambas mantidas, a sra. Souza Costa começou agradecendo a apresentação e enaltecendo as virtudes da mulher brasileira, que da mulher portugueza recebeu todas as virtudes creando um tipo original.

Saúda a mulher brasileira e nela a nação brasileira. A alma da nação é a alma da mulher...” (*Correio da Manhã*, 30 de Junho de 1923, p.2)

Nesta conferência, D. Emília abordou os temas que lhe eram mais caros: a utilização, pelos homens, do humor, da ironia e do escárnio como recursos para desvalorizar as mulheres (e mesmo os seus defensores masculinos) e mantê-las num plano de inferioridade; a consequente defesa da igualdade da mulher e do homem, nos aspectos espirituais, nas ciências e nas artes – “pela educação e pelo espírito a mulher é igual inteiramente ao homem”; a condenação de radicalismos feministas, mas também da escravatura branca que os homens mantém, escudados na lei; a defesa intransigente da educação da mulher como instrumento para a sua libertação, nomeadamente de profissões “infamantes” a que estavam sujeitas, a elevação da sua condição moral, social e profissional. Só pela educação a mulher teria a formação indispensável à assumpção dos seus papéis fundamentais de mãe e de esposa, com um lugar primacial na família e na pátria.

“Trata a seguir, do humorismo que vae da caricatura aos maiores literatos para justificar que com essa attitude critica os homens procuram conservar a mulher em plano inferior. Através da história a mulher mostrou ter a espiritualidade igual á do homem, destacando-se nas sciencias e nas artes. Não deseja a substituição da mulher nas

ocupações hoje dominadas pelo homem, mas nas que lhe são permitidas, pela fragilidade e pela dignidade do sexo.

Pela educação e pelo espírito a mulher é igual inteiramente ao homem.

Condemna o rigorismo suffragate taxando-o de “produto híbrido” criticando, também a escravidão branca, mantida pelas leis do homem.

“Ao que visa a “feminista” repito: é a integrar a mulher no seu lugar, clamando que a instruem, a dignifiquem, a libertem de misteres infamantes ou de profissões incompatíveis com as suas forças a nobilitem pelas regras sadias de aprimorada educação moral e cívica, pelo trabalho, para que possa ser mãe modelar, educadora, inteligente, esposa compenetrada das suas atribuições, unidade sempre útil na família e na pátria em que se exerça o seu raio de acção.” (idem)

Este verdadeiro programa de acção defendido por Emília de Sousa Costa devia ser uma tarefa dos dois sexos, pois os homens deviam compreender a função primeira da mulher – ser mãe – e lembrarem-se da própria figura materna, a quem deviam a vida e para com quem tinham o dever de alcançar justiça e dignidade.

“Depois de explicar os motivos, pelos quaes é preciso solicitar os auxílios moraes de ambos os sexos, afim de ser conseguida a protecção e a justiça a que têm direito, as mulheres, a illustre conferencista diz com facilidade e clareza qual a rota a seguir para o bom êxito dos propósitos de revindicação, que são hoje a maior aspiração da mulher.

E assim termina a brilhante escriptora portugueza:

‘Seria negar a claridade meiga que brandamente se resguarda num cantinho misterioso de todos os corações, e lhes dá viço e frescura, e os afaga, e os beija, e os enlaça, e os acalenta, e os embala, como ritmo acariciante dum cântico celestial, ao trazer aos lábios crestados pelo fogo das paixões o orvalho, o bálsamo perfumado destas duas palavras tão singelas, tão doces e tão puras: «Minha Mãe»’ (idem)

A assistência que a ouviu era um “auditório numeroso e selecto”, com uma forte representação feminista. A segunda conferência foi dedicada à educação infantil.

“Perante um auditório selecto, no qual se via o que há de mais representativo no feminismo da nossa melhor sociedade, a ilustre escriptora portugueza sra. Souza Costa realizou ante-ontem, a sua momentosa conferência sobre a educação das creanças. Foram alguns momentos de uma palestra agradável e útil, offerecidas à mulher brasileira, pela notável educadora portugueza. (*Correio da Manhã*, 6 de Julho de 1923, p.3)

Nesta conferência, a escritora comentou e traçou uma perspectiva crítica sobre as ideias de vários pedagogos (Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Montessori) e “focalizou os sistemas educativos, encarando-os quer pelo desenvolvimento physico quer pelo intelectual, quer, ainda, pelo moral, criticando mesmo alguns exercícios desportivos, por excessivos”. Utilizando “copiosa argumentação e apresentando exemplos robustecedores de suas asserções”, Emília de Sousa Costa abordou o assunto de forma “fértil e feliz com argumentos de valor” e “ensinamentos sadios” (idem), como se lê no mesmo periódico.

3. Redes de sociabilidade e conhecimento: a vida social no Rio de Janeiro

O registo que Emília de Sousa Costa faz da sua viagem ao Brasil permite-nos conhecer a dimensão do seu relacionamento com as personalidades que marcavam a agenda cultural e social da capital carioca, na época. As recepções e homenagens que lhe foram feitas, e ao marido, desmultiplicaram-se durante esse período e são descritas de forma hiperbólica pela autora: “Na impossibilidade de falar de todas, que foram imensas e dispensadas por pessoas das mais altas categorias social e intelectual, busco algumas – aquelas que, por circunstâncias diversas, mais gratas são ao meu espírito, ou à minha alma.” (COSTA, 1925, p. 57).

Para Emília de Sousa Costa, foi particularmente gratificante o contacto com Júlia Lopes de Almeida e a apresentação que esta lhe fez na sua primeira conferência. Ambas comungavam das mesmas ideias e o conteúdo das suas obras tinha grandes semelhanças, propondo o mesmo modelo de mulher e do papel que ela devia representar

na sociedade do seu tempo, como se detecta quando comparamos os textos de Emília de Sousa Costa com a análise das obras de Júlia Lopes de Almeida (MAGALDI, 2007). Por isso, a reunião em casa da escritora brasileira e sua família teve um significado especial para D. Emília.

“D. Júlia Lopes d’ Almeida, a escritora insigne e seu esposo o brilhante Filinto de Almeida abrem-nos o paraíso do seu éden encantado em Santa Tereza, e ali jantamos um dia, ali comungamos, antes, em longas, em curtíssimas horas, à sua mesa de Arte, a que se sentam, como convivas compenetrados as suas filhas adoráveis – Margarida a escultora, a diseuse inextinguível; Lúcia a musicista já afamada; Mimi a artista na garçilidade; Afonso, poeta de raro mérito. Aqui encontramos João Luso – português de nascimento, crismado de brasileiro e pelo seu talento honra as duas Pátrias – com sua esposa.” (COSTA, 1925, p. 59)

As recepções com cunho oficial ou associativo ganham especial relevo. Por ser mulher, não lhe foi “permitido assistir à recepção feita pela Academia Brasileira de Letras, a Sousa Costa” (p. 66), seu marido, uma exclusão do gênero feminino que impediu Júlia Lopes de Almeida de integrar aquela instituição (MAGALDI, 2006). No entanto, assistiu “por expresso convite, à sessão de homenagem pela Sociedade dos Autores Dramáticos do Rio de Janeiro dedicada aos autores italiano e português Dário Nicodemi e Sousa Costa” (COSTA, 1925, p. 66), tendo ficado sensibilizada com a extensão dessa homenagem a si própria, protagonizada pelo “Presidente Ilustre da assembleia, Doutor Alvarenga da Fonseca, [que] na sua pródiga bondade, na sua eloquência florida, cumprimenta a mulher portuguesa, obscuramente representada a quem foi concedida a honra da sua direita, à mesa” (idem). Também a Associação de Advogados convidou Sousa Costa para fazer uma palestra sobre as Tutorias de Infância e D. Sebastião Leme, arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, “escritor notável e erudito conhecedor da nossa terra, em todas as modalidades da sua cultura antiga e moderna” lhes ofereceu uma “recepção cordealíssima com que nos distingue” e que D. Emília registava “com infinito prazer” (idem, p. 71).

As relações com a comunidade portuguesa no Rio também se traduziram em vários eventos, entre os quais avulta o Almoço na Embaixada de Portugal e a homenagem que foi promovida pela Colônia Portuguesa no Gabinete Português de

Leitura para “homenagear o Doutor Júlio Dantas, o consagrado homem de letras, em rápida visita ao Rio de Janeiro, como representante do governo português e da Academia das Sciencias de Lisboa – de que é presidente”. Os portugueses delegaram em Sousa Costa “o honroso encargo da saudação”⁴, tendo-se reunido os “mais notáveis valores da Colônia, representação do senhor Presidente da Republica Brasileira, diplomatas, intelectuais brasileiros” (COSTA, 1925, p. 67).

Outras reuniões mais informais marcaram também o ritmo intenso da visita do casal Sousa Costa: almoços em casa de Sampaio de Araújo, “amigo prestantissimo, singular temperamento de artista que, sem fazer arte, a aprecia nas suas mais requintadas cambiantes” (p. 59), e no palacete do Comendador José António da Silva, esse “português de grande cultura e firme devoção pela sua terra” (COSTA, 1925, p. 61); jantares em casa dos “fraternais amigos” Sarmentos e no “português, no lar portuguêsíssimo de D. Júlia Quintanilha” (idem, p. 62), assim como o “jantar inacabável, fradesco pela extensão e pelas iguarias, em casa dos primos Prista Pereira” (idem, p. 62); ou ainda o “Five ó clock ... requintadamente intelectual, em casa do Dr. Melo de Matos, o eminente jurisconsulto brasileiro” (idem, p. 65).

Além das personalidades que marcaram estes acontecimentos, são indicadas nas páginas de *Como eu vi o Brasil* um número muito mais alargado de nomes, associados às artes, cultura, educação, economia e imprensa, que revelam o universo em que se movia Emília de Sousa Costa. Deixando os nomes femininos para a abordagem sobre a mulher brasileira, registam-se brevemente: Domingos Cardoso, jornalista; Albino Cirne, médico; Albino Pacheco, médico e português; Augusto Sarmento, que oferecera um jantar ao casal; José Loureiro, empresário, emprestou um automóvel a D. Emília para esta se deslocar durante a sua estadia; Luís Barroso, transmontano, gerente do Parc-Royal, “o estabelecimento que é o porto de salvação das elegâncias cariocas” (COSTA, 1925, p. 45); Dr. Paulo de Magalhães, escritor e dramaturgo, e seu pai, o Dr. Carlos de Magalhães, poeta; Modesto Abreu, poeta; e Franco Vaz.

Mas como sublinhava Emília de Sousa Costa, “Há mais e mais senhoras e mais senhores, todos em plena posse de um espírito cultíssimo, artistas e magistrados, homens de letras e duma nobreza tão natural nas maneiras e no trato” (COSTA, 1925, p. 65). Entre todos eles elevava dois nomes, que se destacavam nessa constelação de relacionamentos e que considerava como referências intelectuais.

“Por isso, vinca-se aqui, muito à puridade, a expressão mais calorosa, mais veemente dum reconhecimento infinito aos apresentantes dos Conferencistas Sousa Costa e Emília de Sousa Costa: - Ao Doutor Afranio Peixoto, o romancista insigne, o lusófilo apaixonado do meu ingrato, do meu adorado Portugal; a D. Julia Lopes de Almeida – a maior entre as maiores escritoras brasileiras contemporâneas” (COSTA, 1925, p. 68).

4. A figura feminina e as suas representações: condição e papéis sociais da mulher

A mulher brasileira partilhava uma situação comum às mulheres das sociedades ocidentais e, particularmente, a condição em que viviam as mulheres portuguesas. Assim, o seu domínio era a esfera privada da vida doméstica, familiar, estando ainda fadada para brilhar nos eventos sociais que pautavam a vida urbana e os meios mais abastados – eram estes os espaços em que lhe era outorgado o título de rainha.

No entanto, a sua condição era legalmente minorizada e ela apresentava uma atitude de aceitação e conformação com essa realidade, que se traduzia na fragilidade do movimento feminista, no Brasil.

“A situação da Mulher no Brazil sintetisa-se em breves palavras: - Rainha constitucional em todos os lares. Soberana absoluta na sociedade elegante. Senhora venerada em todo o convívio social. Juridicamente atrasada. Intelectualmente num caminho falso, porque se está desnacionalizando. É bem? É mal? Um caso intimo, tão particular, só ela tem competência para o tratar.

A “ Legião da Mulher Brasileira” – associação feminista – conta apenas trezentas associadas, no Rio.

Isto denota, pelo menos, uma resignada conformidade com a injustiça das leis, se acaso essa injustiça se faz sentir”. (COSTA, 1925, p. 102)

Socialmente, esta posição da mulher era acompanhada por uma deferência formal dos homens para com o chamado “sexo fraco”, inscrita nas regras de urbanidade

“Mais uma vez realce a urbanidade impecável do brasileiro com a mulher. Lê-se à entrada desta igreja um aviso:

‘Os homens ficam nas primeiras bancadas à entrada’.

Para reservarem os melhores lugares, os menos incômodos, às senhoras.” (COSTA, 1925, p. 101)

Para Emília de Sousa Costa, os laços entre as mulheres de lá e de cá do Atlântico eram fortes, com muitas semelhanças e cumplicidades, embora reconhecendo que a mulher brasileira apresentava “o seu quê de mistério”, que escapava à sua capacidade de análise. Mas isso não a impediu de estabelecer um olhar crítico, em que são utilizados critérios de análise similares.

“Não encontro uma diferença muito sensível no tipo da portuguesa e da brasileira. Há morenas e alvas. Olhos negros e azues, garços e esverdeados. Predomina, como entre nós no sul, a tez morena, olhos cor de bronze, ou negros. Há porém, no fundo de todos os olhos femininos brasileiros um mistério que eu, talvez por ser mulher, não sei desvendar. Esses olhos lembram-me não sei porquê, círios a arder perenemente em sensualidades capitosas. A languidez dos movimentos, um pouco oriental, torna as mulheres ondulantes e flexíveis como palmeirinhas tenras.

Mesmo as senhoras adiposas assumem por esse motivo um ar tão infantil, tão mimoso, tão frágil, que nos confunde e nos retém nos lábios qualquer tentativa de conversa fóra dos limites de assuntos leves, graciosos, caracterisadamente femininos.” (COSTA, 1925, pp. 37-38)

Emília de Sousa Costa encontrou as mulheres com quem se identificava verdadeiramente nos estratos cultos da sociedade carioca, cujo modelo é seguramente retratado na família de Júlia Lopes de Almeida, acompanhada por suas filhas, todas elas apresentando elevadas capacidades artísticas e culturais. Este perfil de referência devia ainda aliar, a estas capacidades, a bondade, a distinção, a apresentação irrepreensível, o bom gosto, a sensibilidade.

Mas outras senhoras lhe mereceram rasgados elogios: a esposa do embaixador português, Doutor Duarte Leite, “alma lidima e enternecida de portuguesa, senhora de

rara distinção, a prodigalizar-se em provas de bondade tamanha, para toda a colônia, que esta a adora, como se adora uma santa” (pág 58); Maria Adelaide, com o seu “mavioso sorriso da angelical” e D. Josefa Quintanilha, pela “linha nobre” da sua presença (pág. 62); D. Maroquinha Rabelo, “também conferencista e escritora que na sua dição primorosa nos revela todas as recônditas belezas dos versos” e D. Rosalinda Coelho Lisboa, “escritora de valor notável e poliglota” (p. 63); D. Maria do Carmo, esposa de Rui Chianca, “espírito angelical e lucidíssimo, figurinha deliciosa e frágil de uma virgem de marfim” (p.36); D. Otília, a bondosa esposa de Augusto Sarmiento, ambos seus queridos amigos; e Madame Campos, “a enérgica e sábia cultora da plástica feminina” (COSTA, 1925, p. 36).

Nas ruas encontravam-se os diferentes tipos de mulher que compunham a sociedade brasileira, cruzando-se nos mesmos espaços, independentemente das suas origens sociais ou da missão que haviam escolhido para desempenhar ao longo da sua vida. Era um mundo que fervilhava e onde coabitavam os comportamentos mais puritanos com as novas formas de afirmação da mulher, nos espaços públicos, que caracterizaram os “loucos anos 20”. A sociedade carioca, multicultural e multiétnica, vivia “numa liberdade a todos os respeitos louvável e encantadora” e na Avenida Rio Branco, como em outros locais do Rio de Janeiro,

“Por entre as damas, vestindo elegantemente, à última moda, cruzam na austera linha dos hábitos mais diversos, monges de ordens várias, freiras sem clausura, sem o ar do falso ascetismo, irmãs de caridade com as suas camandulas toscas açoitando os vestidos castos.

Acotovelam-se as mundanas fortemente maquilhadas, de cabelo à *garçonne* e que á noite no Assírio se requebram estilizadas em voluptuosos *fox-trots*, com as piedosas Irmãs do Pobres, a percorrerem céleres e compadecidas os antros de miséria e de dor, levando cristãmente a melodia dulcíssima da sua palavra, o misticismo adorável do seu sorriso, aos corações que sofrem.” (COSTA, 1925, p. 37)

“Elas semi-nuas, nos seus organdis decotadíssimos, a perna á vela, a atirarem-se reciprocamente o fumo dos seus Gold-flake, numa liberdade ... louvável e encantadora”(COSTA, 1925, p. 54).

Um problema preocupava de sobremaneira Emília de Sousa Costa: “como entre nós, mas mais do que entre nós, é evidente o domínio duma preocupação: o francesismo” (1925, p. 38). Esta necessidade de imitar o modelo francês provocava a desnacionalização das duas sociedades, portuguesa e brasileira, e a desvalorização das suas culturas específicas. Era uma doença contagiosa que se propagava, especialmente entre as elites.

“O Rio está contaminadíssimo. Prova real: o excessivo abuso de maquillage nas damas; o efeminamento da mocidade masculina em certa roda; a falta de culto por alguns dos seus mais altos valores mentais que, com espanto conheci serem quasi estranhos a pessoas de elevada posição social ... a idolatria pelo que é francês e o menos-preço pelo que é do Brazil ou de Portugal, berço da sua raça”(COSTA, 1925, p. 40)

Esta idolatria pelos modelos estrangeiros, franceses e também ingleses, era o resultado de uma acção intencional desenvolvida por agentes específicos – as professoras e preceptoras estrangeiras que ensinavam no Brasil e propagavam a sua cultura, “desnacionalizando” os outros povos, com perigos acrescidos para as sociedades de recente formação, como o Brasil.

“Lá como cá as preceptoras francesas e inglesas não teem perdido o seu tempo, na obra de propaganda dos seus elixires patrióticos, desoladoramente desnacionalisadores para os outros povos. Para nós, porém, menos perigosos, por termos oito séculos de vida, do que para a identidade brasileira ainda em formação e, por ora, vaga, indecisa, flutuante.”(COSTA, 1925, p. 40)

É a afirmação de uma atitude patriótica e de defesa da identidade nacional, que pretende preservar os valores próprios de cada país e daqueles que são comuns a ambos, Brasil e Portugal. A mulher assume assim um papel fundamental em várias dimensões da vida social, pois “Por mais que pese e doa aos homens, inimigos da Mulher, esta foi sempre e será o motivo principal, a propulsora mais ou menos consciente das evoluções nos progressos artísticos, profanos ou religiosos. Impossível é dispensar o estímulo do

seu sufrágio” (COSTA, 1925, p. 94). O direito ao voto era essencial para a consagrar esta posição da mulher.

5. O sistema educativo e assistencial e as suas instituições: retratos e comparações

Com o subtítulo de “coração e espírito”, Emília de Sousa Costa descreve as visitas que fez às instituições educativas e de assistência do Rio de Janeiro, registrando as suas impressões. Ao reflectir sobre esta dimensão da vida carioca, estabelece comparações com a realidade portuguesa.

Fiel à sua matriz de pensamento, começa por situar o papel da mulher brasileira neste campo, conferindo-lhe a imensa responsabilidade que tinha e da qual tinha estado ausente demasiado tempo, pois o interesse da mulher culta brasileira pelas questões educativas era recente, impondo-se este campo como um área prioritária da sua intervenção social no futuro.

“A senhora brasileira da alta sociedade, como a de todas as categorias, bastante afastada, ou na sua maioria inteiramente alheia ao problema educativo e infantil nacional, até há pouco, já compreendeu quanto a sua cooperação estava a ser necessária ao Estado e começou a dedicar-se-lhe. Bom é. Porque a puericultura e o ensino infantil, quer sob o ponto de vista meramente educativo, quer sob o higiénico, ou o sentimental, ou o instrutivo tem de ser feitos, tem de ser orientados por mulheres-mães, sacerdotisas – e não por homens, sejam embora professores ou simples mercenários.

Os esforços oficiais do Estado Brasileiro, imensos, incomensuráveis, admirabilíssimos não obteriam o êxito absoluto, sem uma intervenção consciente, compenetrada, firme, devotada da Mulher, sem ela compreender integralmente qual a grandeza da sua missão social.”
(COSTA, 1925, p. 74)

Mas o Rio de Janeiro era, “por excelencia, a cidade caritativa e filantrópica”, pois então afirmava-se “vibrante, forte, intenso o sentimento humano da sua solidariedade. Cultiva-se com entranhado amor fecundo ideal dos princípios cristãos de puro colectivismo”. Por isso,

“São inúmeros as associações de beneficência, os asilos, as crêches, os orfanatos, os dispensários, as gotas de leite, as maternidades, os hospitais. Todas as misérias são atendidas, todos os desamparos velados. O auxílio mutuo atinge um desenvolvimento impressionante. Qualquer modalidade de assistência está prevista, em plena maturação, ou a caminho de realizar-se ... Institutos profissionais, institutos de protecção ás crianças, cantinas, jardins de infância, como flores divinas de humanitarismo, sobem para o céu as suas corolas brancas”(COSTA, 1925, p. 73)

A assistência pública no Rio de Janeiro é profusamente elogiada e considerada modelar, abrangendo o leque de cuidados que era necessário prestar à população.

Os seus postos funcionam ininterruptamente, dia e noite. Na via publica, todos os socorros se prestam rapidamente, sem exigências absurdas de formalidades nocivas ou de burocráticas requisições. Os mais diversos casos de pronto socorro, estão previstos, desde os desastres nas fabricas, aos sinistros marítimos; desde a queda, mais ou menos grave, ás dores da maternidade. Em qualquer posto se atende imediatamente um simples incomodo, ou uma ligeira dor de dentes! Hospitais contam-se por dezenas. Até os bombeiros possuem o seu hospital privativo, em edificio próprio e belo” (COSTA, 1925, pp. 74-75)

Entre estas instituições, destaca o dos Lázaros, assim como o Leprosario Santa Maria, em Jacarépague, “com intuitos dum estudo profícuo de tratamento e de provável cura” (COSTA, 1925, p. 75) da doença e ainda a Liga de Assistência contra a Tuberculose, que “louvavelmente possui meios de assistência domiciliaria. Um medico seu vela carinhosamente as famílias pobresinhas, nas quais exista um tuberculoso declarado, a quem repugne ou horrorise a hospitalisação que o separa dos seus”(COSTA, 1925, p. 75), ao mesmo tempo que vai ensinando aos doentes e suas famílias as medidas preventivas. Regista que exteriormente o edificio da Liga se parece com o que, em Lisboa, assegura funções similares.

O Patronato de Menores era constituído por quatro instituições, que se articulavam: Creche, Casa de Preservação, Orfanato Osório e Asilo de Nossa Senhora

de Pompeia. A autora refere ainda a existência de um Jardim de Infância e de uma Policlínica Infantil. Junto à creche, existia uma Escola Maternal onde se ensinava puericultura a mães das classes populares.

Tendo conhecimento que algumas instituições de assistência encaminhavam menores para o serviço doméstico, em casas particulares, socorre-se da sua observação pessoal para criticar a imperfeição da fiscalização sobre as condições em que essas crianças eram entregues às famílias e como viviam: “Entregues antes de aprenderem os rudimentos indispensáveis de leitura e escrita, podem ser sujeitas a trabalhos superiores às suas forças, ou a maus tratos, andarem mal vestidas e descalças, sem a intervenção oficial se fazer sentir”. Socorrendo-se de “informações obtidas de pessoas competentes no assunto”, critica a falta de investimento na formação destes jovens em áreas como “artes e ofícios, á agricultura e aos trabalhos domésticos”. Era uma situação similar a Portugal e tal como no seu país natal “a influencia deletéria dos exames ... , a facilidade extrema da vida de internato, destroem energias, ilaqueiam actividades, desorientam raciocínios e arrastam á inacção da burocracia, ou á pobreza doutras profissões liberais exploradíssimas, milhares de braços precisos nas industrias e nos campos” (COSTA, 1925, p. 77).

A Liga contra o tráfico das brancas é realçada por Emília de Sousa Costa, até porque ainda não existia em Portugal uma organização similar, assim como a obra de protecção às moças solteiras, “integrada na federação mundial - Oeuvres de Protection à la Jeune Fille – indispensável num paiz de largos recursos económicos como o Brazil” (idem), obra que tentava também combater o tráfico de brancas para a América.

“Se, apesar destas instituições salutareas, o tráfico das brancas, com destino à América, é o criminoso meio de enriquecer tantissimos repugnantes lenocidas, o que não seria estas redentoras instituições não contrapuzessem a sua defeza moralisadora ao vilíssimo comércio, alargando cada vez mais a sombra protectora dos seus ramos viridentes?” (idem)

No campo do ensino formal, destaca o Instituto Profissional João Alfredo, um dos principais deste género, mas onde apontava como reparo que a educação era “um tanto militarizada, mas tem-se revelado eficaz”(idem) e duas instituições para a educação de crianças com deficiências físicas, nomeadamente de surdos mudos e cegos.

O Instituto de Surdos Mudos, que visitou detidamente, era exclusivamente masculino e estava instalado em edifício próprio, que considerou magnífico: quartos de banho excelentes, com ótimas instalações sanitárias, cozinha e refeitório muito bons. Sublinha haver uma selecção rigorosa na admissão, para evitar a promiscuidade com degenerados. Realça o ensino profissional dos alunos, pois as oficinas de encadernação e de sapataria produziam “obras perfeitíssimas”. A origem desta qualidade residia na manifesta “boa vontade, [e n]a dedicação dos professores, principalmente do professor de fonética, que exercia o “magistério com a abnegação herdada de seu pai – Brazil Salvado, filho do antigo director, que foi alma daquela instituição e doutras obras educativas, durante a sua prestimosa vida”.

“Apaixonado pelo ensino dos surdos-mudos, o herdeiro condigno do benemérito devotou-se religiosamente á sua profissão, sendo comovedor o carinho com que a exerce. Foi organizador dum congresso em que o problema se discutiu em todos os seus aspectos” (COSTA, 1925, p. 78).

No entanto, não deixa de salientar a existência de “uma certa indisciplina, notória aos olhos habituados á observação de casos desta natureza, uma falta sensível de cultura das regras de cortezia nos alunos e empregados menores. Uma excepção no Rio de Janeiro. É pena!”(COSTA, 1925, p. pág.78), que atribui à falta de energia do respectivo director para desempenhar cabalmente a sua “sua missão complexa e trabalhosa” (idem).

O Instituto Benjamin Constant é profusamente descrito, como “uma das melhores, entre as belíssimas impressões recolhidas nas visitas a estabelecimentos de educação, a recebida aqui” (COSTA, 1925, p. 79). Dirigido pelo Doutor Melo de Matos, “ direcção proficientíssima do espírito brilhante, da alma generosa ... que concilia em harmónica união uma energia inquebrantável, um conhecimento profundo de pedagogia moderna, um devoto entusiasmo pelos assuntos educativos, uma ternura paternal pelos ceguinhos” (idem). O Instituto estava instalado num “edifício majestoso, construído do granito da região, laivado de mármore, muito original e interessante. Levanta-se na Praia da Saudade” (idem). O regime de coeducação é considerado perfeito, “rigorosamente fiscalizada e vigiada – na qual comungam os dois sexos em relações cootidianas, a amenisar espiritualmente a dureza do internato, a crueldade do destino de

quem está condenado á treva eterna”(idem). Uma organização esmerada, os espaços, equipamentos e recursos necessários, que se reflectiam no ambiente quotidiano.

“O conforto a alegria, a paz reinam por toda a parte numa exuberância que dispõe bem. (...) Risonhas as faces dos alunos e alunas. Risonhas as fisionomias de professores, videntes, ou cegos. Duma urbanidade impecável e acolhedora os empregados, sem distinção.(...) Todas as comodidades. Um gabinete dentário, outro oftalmológico, com recursos indispensáveis a todos os tratamentos” (idem).

O carácter profissional do ensino é assegurado por “oficinas bem montadas para todos os trabalhos manuais que os ceguinhos podem executar. Alguns destes são de perfeito acabamento”. Mas essa qualidade residia essencialmente na “competência do seu corpo docente, no qual há autenticas celebridades na sua especialização. Competência só igualada pela abnegação com que cumpre a sua tarefa nobilitante”. Enumera esses professores e as suas qualidades: D. Rosalina Lisboa, a formosa poetisa e professora de inglês; o Dr. Jordão, o professor de português; Mauro Montagna, cego de nascença, é o professor de geografia.

“Diante de nós uma lição se desenvolve, sobre um mapa de relevo de invenção sua. Os dedos do sábio mestre e dos discípulos seguem cariciosos ranhuras, apalpam contornos, tacteam os relevos nos ínfimos pormenores, ameigam nas suas inflexões tranquilas os nomes das cidades, e paizes, dos rios e dos mares, das planícies e das serras, dos istmos e dos continentes.” (COSTA, 1925, pp. 80-81)

Ainda outros professores: o maestrino João Freire de Castro, “antigo aluno da casa, completamente cego, mas em pleno poder visual dum rico temperamento artístico. Pianista, violinista, organista e compositor”; o poeta Francisco Silva, cego também, também ex-aluno e hoje professor do Instituto, diz-nos versos seus”; e, finalmente, a acção da Senhora Melo Matos, “cooperadora valiosíssima de seu marido na cruzada de carinho que adoça a desventura suprema” (COSTA, 1925, p. 83).

No âmbito da formação de professores, Escola Normal é descrita como um edifício amplo e esplêndido, com um excelente museu de ciências naturais, onde Emília

de Sousa Costa foi recebida amavelmente pelos directores e corpo docente. A frequência da escola é elevada, destacando a pequena percentagem de alunos relativamente ao número de alunas. “Fóra das salas da aula, os alunos de ambos os sexos passeiam, comentam, conversam disciplinados, cordatos, mas num á vontade simpático” (COSTA, 1925, pp.83-84). Nos exames, a sua atitude é “calma, confiada, não vendo ante si o pavor de um adversário bem armado, mas o amigo que...auxilia a vencer as asperezas dum calvário”, enquanto os examinadores se mostram sem “a arrogância esgrimistica que reveste a doutros e principalmente doutras, que tenho visto no meu país” (COSTA, 1925, p. 83). Um tom crítico a Portugal e ao ensino normal que nele vigorava. Apesar de “curiosidadesinhas um pouco risonhas, um pouco irónicas” iniciais, a apresentação da visitante motivava uma “atenção obsequiadora” durante “a visita demorada e minuciosa” pelas salas, onde “grandes quadros parietais com os retratos dos catedráticos dos dois sexos, com seus chapelinhos particulares – uma insígnia como entre nós a borla doutoral – oferecem-nos uma nota interessante e inédita” (COSTA, 1925, p.84). Pelo que viu, “pelo muito que ouço, acredito que os processos de ensino se aproximam dos nossos” – “programas túmidos, impiedosos, arrasantes da vida corporal e espiritual dos mais resistentes...” (COSTA, 1925, p. 84). Em 1923, Emília de Sousa Costa é decididamente uma crítica do ensino normal!

A Escola Deodoro da Fonseca, de nível primário, é um “edifício magnifico, construído propositadamente para o próprio fim com todas as exigências modernas”, e onde se pratica, “como nas outras, como em toda a parte, a igualdade de raças é perfeita”, colocando lado a lado “creancinhas alvas, caracóis loiros...rosadinho das faces” com “o ébano de um rostinho coroadado pelo azeviche da carapinha” (COSTA, 1925, p.84). As actividades sucedem-se: “Uma turma é chamada...á sua lição de ginástica sueca, ministrada por uma senhora e que nos deixa encantados”; com a substituta da Directora, a Secretaria D. Custodia Simões, de “gentileza penhorante”, conversou D. Emília e com ela viu “Cadernos, trabalhos manuais, labores [que] passam diante de nossos olhos, numa demonstração fiel da dedicação dos mestres, da boa disposição dos alunos naquela escola excelente”. Mas quando folheia “o programa das matérias de ensino e fecho-o atemorizada, esmagada!” outra comparação com o ensino português se estabelece: “No Brazil, como em Portugal, a criança que saísse da escola primária com a dose de conhecimentos oficialmente exigidos, poderia como Jesus ao falar deixar atónitos os doutores. Pobres pequeninos! Que avalanches tremendas de sabedoria sobre as suas pessoasinhas de palmo e meio!” Os bons resultados do ensino,

que a “surpreendem e confundem agora”, só podem ser obtidos por “um escol de professores abnegados, decididos a um sacerdocio de amor” (COSTA, 1925, p. 85) como a sua profissão.

A visita ao Jardim de Infância situado na Praça da Republica, antigo Campo de Sant’Ana, dá-lhe grandes alegrias. O pavilhão “abarracado e deselegante” dá acesso a “um viveiro de avesinhas a tentarem os seus primeiros voos fóra do ninho” e o “local é óptimo. Difícil, impossível, talvez, encontrar outro mais apropriado. A temperatura, apesar da provisória cobertura de zinco, é agradabilíssima lá dentro”. A Directora é D. Cândida Guanabara, “adorável figura de mulher, é a mãe enternecida de todos os pequeninos. Cerca-os de mimos e de carinho, não abdicando do seu dever de disciplinadora. È a directora ideal que concilia os predicados indispensáveis á pedagoga, com a sensibilidade feminina equilibrada e cariciosa”. Nesta acção simultaneamente disciplinadora e carinhosa, é acompanhada pelo “corpo docente [que] completa, pela sua admirável compreensão e sentimento do problema, a obra apreciabilissima daquela senhora. Os trabalhos e recreios que presenciamos interessam-nos, sensibilizam-nos, regosijam-nos” (COSTA, 1925, p.87).

Neste domínio, a comparação com Portugal estabeleceu-se em torno do papel dos Jardins - Escola João de Deus, “jardins modelares, dos melhores do mundo, e o Rio de Janeiro ainda os não tem” (idem). Em contrapartida, “já conseguiu, contudo, o mais difícil de obter: um professorado com os dotes preciosissimos para essa modalidade de ensino – a espinhosa, a mais importante, a mais complexa de todas – porque nela está o segredo de fazer com que nas almasinhas em botão germinem, floresçam e vicejem lírios! O resto, quando o Estado não possa, a iniciativa rasgada de qualquer benemérito patriota o dará” (idem)

Finalmente, a visita à Escola Premunitória 15 de Novembro que, no Rio de Janeiro exerceu uma função semelhante à missão preventiva e correcional dos reformatórios portugueses. Ficava situada num “edifício, ainda inconcluso, mas que deve ficar soberbo, com suas enormes proporções, seus terrenos em volta para culturas” e foram aí recebidos, gentilmente, por Franco Vaz, o director e

“poeta brilhante, pedagogo notável, alma de cristianíssima devoção, consagrada á obra de saneamento moral da infância abandonada...Apaixonado, fanático pela obra que dirige culto, duma bondade que se revela na franqueza que brilha na sua face pálida, na

quasi timidez infantil com que modestamente expõe os seus profundos conhecimentos em assuntos da sua profissão – melhor, da sua confissão – nas suas aspirações de perfectibilidade humana, na ingénua fé numa sociedade melhor, no lirismo com que exalta a colaboração ou mérito de alunos e professores – ele é bem o director ambicionado e poucas vezes realizado duma instituição da índole desta!”(COSTA, 1925, pp. 90-91)

O edifício em construção apresentava-se amplo, “confortável, higiénica, obedecendo a todas as regras modernas da instalação de internatos, a parte já construída. Grandes e arejadíssimos os dormitórios. Grandes e muitos aceados os refeitórios. Magnífica enfermaria isolada, com farmácia anexa, possuindo os necessários aprestos para socorro urgente em qualquer caso de desastre ou de doença.” As instalações eram completadas com residências “confortáveis particulares”, para Director e Secretario, assim como sala de música, sala de recepção e biblioteca, e oficinas - estas “pelo impulso enérgico da directoria e boa vontade dos mestres, já concorrem com as indústrias nacionais em esmero e fabrico. A oficina de tipografia está montada com todo o rigor e possui esplêndidas máquinas” (COSTA, 1925, pp. 91-92) e os alunos desenvolviam as suas potencialidades neste ambiente educativo, onde o director exercia uma função orientadora fundamental.

As críticas acutilantes de Emília de Sousa Costa para com os programas de ensino e o sistema educativo, em geral, não se estendem aos professores, pois as personalidades que mais enaltece e a quem dedica rasgados elogios exercem também funções docentes (ou estão de alguma forma ligados à educação e ao ensino) e surgem como as figuras com as quais estabelece uma verdadeira sintonia.

6. Considerações finais

A autora que revisitámos nesta comunicação reafirma sucessivas vezes o seu fascínio pelo Brasil e a sua viagem foi a concretização de um sonho, alimentado durante anos. Para ela, Portugal é a origem da nação e da sociedade brasileiras e essa função primordial explica as grandes semelhanças que encontra entre os dois países. No entanto, reconhece no Brasil uma grandeza e exaltação que se inicia na paisagem e se

prolonga na sociedade, nas pessoas, nas manifestações culturais. Se Portugal tinha a consistência de séculos de história, o Brasil tinha a pujança e a força das nações jovens e a capacidade de combinar de forma moderna os elementos que o compunham. Assim, a mulher deveria assumir, em ambos os países, os papéis que lhe competiam, em igualdade com os homens, na família, na sociedade e na pátria. Principalmente, devia dedicar-se a funções educativas, para as quais estava particularmente vocacionada.

Os contactos que Emília de Sousa Costa estabeleceu com os meios de comunicação e com personalidades dos meios culturais e educativos, no Rio de Janeiro, revelam a existência de redes de sociabilidades e de trocas que já existiam entre portugueses e brasileiros. Há um conhecimento recíproco de obras, de actividades e de ideias que se consolidam nesta viagem; há solidariedades e visões do mundo comuns que se constroem nestas redes de intelectuais. Está-se perante um processo que se compreende à luz dos conceitos de leitura, circulação e apropriação de modelos culturais (CHARTIER, 1988, 1992) e que foi protagonizado por duas comunidades de intelectuais, de um e outro lado do Atlântico, que reconheciam existir muitos elementos comuns entre elas. Um fenómeno que ocorre em diversos tempos históricos (PINTASSILGO et al, 2006).

As ideias expressas por Emília de Sousa Costa sobre a mulher e a educação feminina fazem parte de uma arquitectura conceptual estabilizada, na época, e que se traduziu num universo vasto de obras produzidas em vários países e várias línguas, com destaque para as edições francesas, com presença assinalável em Portugal. Estes manuais de educação feminina e de civilidade circularam nos séculos XIX e XX e eram do conhecimento desta autora, que os leu e traduziu. Há, pois, uma continuidade nos modelos preconizados para a educação da mulher, que está presente nos projectos de educação formal, mas adquire uma crescente dimensão pública nos inícios de século XX em vários países (ROGERS, 2007).

A obra e as ideias de Emília de Sousa Costa são um exemplo das práticas discursivas que visavam a preparação das mulheres como esposas, mães, educadoras e também cidadãs. É um modelo transnacional, que representa um esforço de codificação e controle disciplinar de comportamentos, atitudes e sensações; é também uma construção de saberes e enunciados específicos virados para a definição do perfil ideal de mulher, em que a imagem pública imperava. Mas esta visibilidade baseia-se em processos internos de governo de si mesma, de construção de uma personalidade íntima que se projectava depois nos espaços sociais, culturais e profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, Junho-Julho de 1923.

CHARTIER, R. (1992). *L'Ordre des livres, Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XIVE et XVIIIe siècle*. Aix-en-Provence: Alinéa.

CHARTIER, R. (1988)). *Cultural History. Between Practices and Representations*. Cambridge: Cornell University Press.

COSTA, Emília de Sousa (1925). *Como eu Vi o Brasil*. Lisboa: Editora Portugália (2.^a edição: Emp. Diário de Notícias, 1926).

FOUCAULT, M. (1996). *Tecnologías del yo*. Barcelona: Paidós.

MAGALDI, A. M. B. M. (2007). *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argymentum.

MOGARRO, M. J. & MARTINEZ, S. A. (2007). “Abandoned girls and teacher education in Portugal by the second half of the XIXth century”. *ISCHE 29 - International Standing Conference for the History of Education (29.^a Session). Children and youth at risk Approaches in the History of Education*. University of Hamburg, Germany, 25-28 July 2007.

MOGARRO, M. J. (2001). *A formação de professores no Portugal contemporâneo – a Escola do Magistério Primário de Portalegre*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa/ Universidade da Extremadura, 2 volumes.

NÓVOA, A. (2003) (dir.). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: ASA.

NÓVOA, A. (2005). *Evidentemente. Histórias da Educação*. Porto: ASA Editores.

PINTASSILGO, J.; FREITAS, M. C.; MOGARRO, M. J. & CARVALHO, M. M. C. (Org.) (2006). *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Colibri / CIE-Universidade de Lisboa.

ROGERS, R. (2007). L'éducation des filles : Un siècle et demi d'historiographie. *Histoire de l'éducation*, n.º 115-116, pp. 37-79.

STEPHANOU, M. (2006). Ser e Viver como mulher moderna: A Educação Feminina segundo manuais de etiqueta dos anos 40 a 60 do século XX. In *Anais do VI Congresso Luso-brasileiro de História da Educação. Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação. 17 a 20 de Abril de 2006*. Brazil, Uberlândia, MG: EDUFU / Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação, pp. 362-366.

¹ Ver catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal.

² Algumas destas conferências foram depois publicadas, como *Olha a maldade e malícia e das mulheres* (Lisboa, 1930), *Guerra Junqueiro e a Mulher* (Porto, 1930), *A nossa Beira* (Lisboa, 1924).

³ Ver Costa, Emília de Sousa (1923). *A mulher; Educação infantil*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto.

⁴ A viagem de Júlio Dantas teve um grande impacto na imprensa brasileira, ocupando as primeiras páginas e, de certa forma, ofuscando a presença do casal Sousa Costa. Apesar do marido ter “largamente, rasgadamente glorificada ... a obra de Júlio Dantas”, na reunião do Gabinete Português de Leitura, D. Emília não se coíbe de adjectivar de forma crítica essa mesma obra do “joalheiro filigranista do verbo português, o escritor que melhor sabe atrair com o mel das suas palavras as doidejantes abelhas doiradas, as borboletas femininas, apreciadoras da prosa esmerilhada e deleitosa que não obriga a pensar” (COSTA, 1925, p. 67).